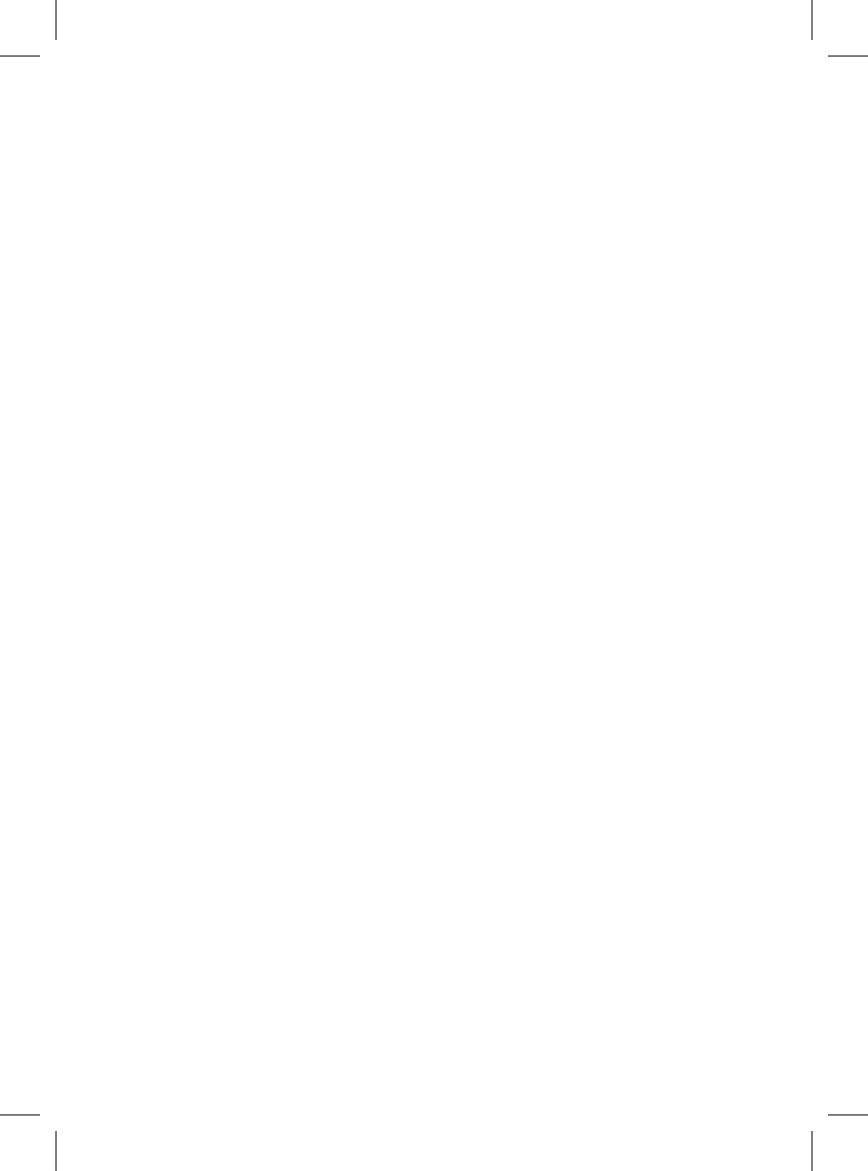


CHARLOTTE -
PEIXE -
BORBOLETA -



CHARLOTTE -
PEIXE -
BORBOLETA -

PEDRO KALIL





Pra Vivi

© Relicário Edições

© Pedro Kalil

CIP -Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

K144c

Kalil, Pedro

Charlotte-peixe-borboleta / Pedro Kalil. -- Belo Horizonte, MG :
Relicário Edições, 2016.

48 p. ; 10cm x 14cm

ISBN: 978-85-66786-33-0

1. Teatro brasileiro. 2. Teatro – Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.2

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos
PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia
REVISÃO Maria Fernanda Moreira

RELICÁRIO EDIÇÕES

www.relicarioedicoes.com

contato@relicarioedicoes.com

PREFÁCIO

A TAREFA DIFÍCIL
DE ENXERGAR O VISÍVEL:

por uma gramática de outras barricadas
com Pedro Kalil

por Tatiana Pequeno*

* Tatiana Pequeno é professora do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (Niterói, Rio de Janeiro). É autora dos livros de poesia *Réplica das urtigas* (2009) e *Aceno* (2014).

*Perguntar “quem sou” é uma pergunta de
escravo; perguntar “quem me chama” é
uma pergunta de Homem livre.*

(Maria Gabriela Llansol, *Um falcão no punho*, p. 130)

É possível que Charlotte, peixe e borboleta, tenha sido concebida pela troca afetiva de palavras que procuravam, pelos idos do ano 2000, compreender quais eram os destinos possíveis para uma mulher. Mas não apenas sobre os lugares dirigidos para uma mulher, mas pelos sentidos metafóricos e metonímicos que mulheres desempenham nesta (nossa) cultura. Falo das lanças que desenham o perímetro e a área das janelas do Convento de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, mas falo também de palavras trocadas na beira de uma piscininha

no terraço de um apartamento no bairro Sagrada Família, na BH de quinze anos atrás, quando Pedro Kalil afirmou categoricamente que faria o curso de Letras e ao fundo, numa tarde quase barroca, tocava Luna no *cd player* (comandado então pelo Bruno Paes) da casa do Rogério Brittes. Nesse tempo azulado, em que podíamos ser conhecidos por medos, apostas e afetos, pelas diversas formas de escrita sobre o mundo como potência e mistério, éramos uma comunidade. Crescemos, nos tornamos adultos e ainda *precisamos* saber.

Charlotte, como que inspirada pelo protagonismo histórico de Charlotte Wilson na elaboração do texto e do discurso anarquista e dos lugares do feminino no início do século XX, *precisa* saber. E escreve porque busca. Ademais, se falo de lanças e insisto nisso, é porque Charlotte, a única personagem da peça de Pedro Kalil, é cerceada por uma ética que a mantém aprisionada e claudicante, apesar de viva. Viva (de maneira imperativa), mas condicionada à atividade escravizada de precisar mostrar o visível. Ferida pela linguagem, Charlotte não consegue se levantar. Charlotte procura o eixo,

a expressão, a língua, o norte, tudo o que a referida ética exige, mas Charlotte é um peixe, uma borboleta. Charlotte é uma derivação complexa de sua própria composição num solitário processo de formação e de previsão de palavras. Para a gramática normativa que previu para ela fogueiras, grades e lanças para os que dela se aproximarem, Charlotte é a histórica, a puta sedenta e covarde que trai a natureza da perpetuação da espécie por não aceitar a origem da sua violação. Charlotte é uma mulher. Mas poderia ser também alguém que não é bem-vindo ao mundo da livre-iniciativa. Porque Charlotte é lenta. Charlotte levou anos para conseguir dizer a sua história de diários e confidências (ela compartilharia conosco o seu *about* sabido desde sempre por quem conhece histórias de mulheres “te acalma, minha loucura” ou “mulher farpada e apaixonada”, em versos de Ana Cristina Cesar). Charlotte é ave-peixe-borboleta potente de metamorfoses. Nesse ir além, Charlotte lembra o verso de pura derrelição de Orides Fontela: “O pássaro não serve.” Porque ela, Charlotte, não serve para este nosso mundo.

Engana-se quem acredita que o texto de Pedro Kalil, por trazer a linguagem da infância e da inocência perdidas, possa ser levemente lido, assistido ou analisado. Charlotte e sua obsessão pela justaposição e pela composição das palavras nos convida a pensar sobre o tatibitati da convenção cristalizada dos substantivos, dos nomes e do que nos forma a memória. Na era pós-tudo, Charlotte exige de nós paciência para compreender o espaço da dor na constituição do seu corpo, da sua volição e da sua substância. Pedro, ciente da tarefa hercúlea que é encontrar brechas para que a sua protagonista seja de fato a única a autorizar o próprio discurso, economiza nas didascálias e a deixa só, em cena, para falar da luz, senti-la, quem sabe encontrá-la. Charlotte é quem guia Pedro (talvez Orfeu).

Como libertação, Charlotte não pode ser aprisionada ao que os convencionalismos de gênero previram. Charlotte é peixe, borboleta, mulher, sujeito pensante, dor, coisa que ama, corpo que deseja, demanda. Nesse inferno, nesse nosso tempo de rios e horizontes tão mais fragilizados e distópicos

que quinze anos atrás, o texto de Pedro Kalil é um convite à escritura de que *precisamos saber*, seja para não morrer, seja para que não esqueçamos que Charlottes ainda têm lanças em suas janelas para que nada lhes restitua a perda inexorável das suas liberdades: “*Quem diria que é fácil sair do estado que se está depois de muito tempo?*”, ela nos pergunta. Crescemos, somos adultos e Charlotte tornou-se, enfim, uma de nós. Ou talvez sempre tenhamos sido Charlotte. Nós, ainda, esperando uma outra comunidade que vem.

Charlotte nos chama. Às barricadas, então.

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2015
(Com o *Lunapark* soprando nos fones de ouvido)